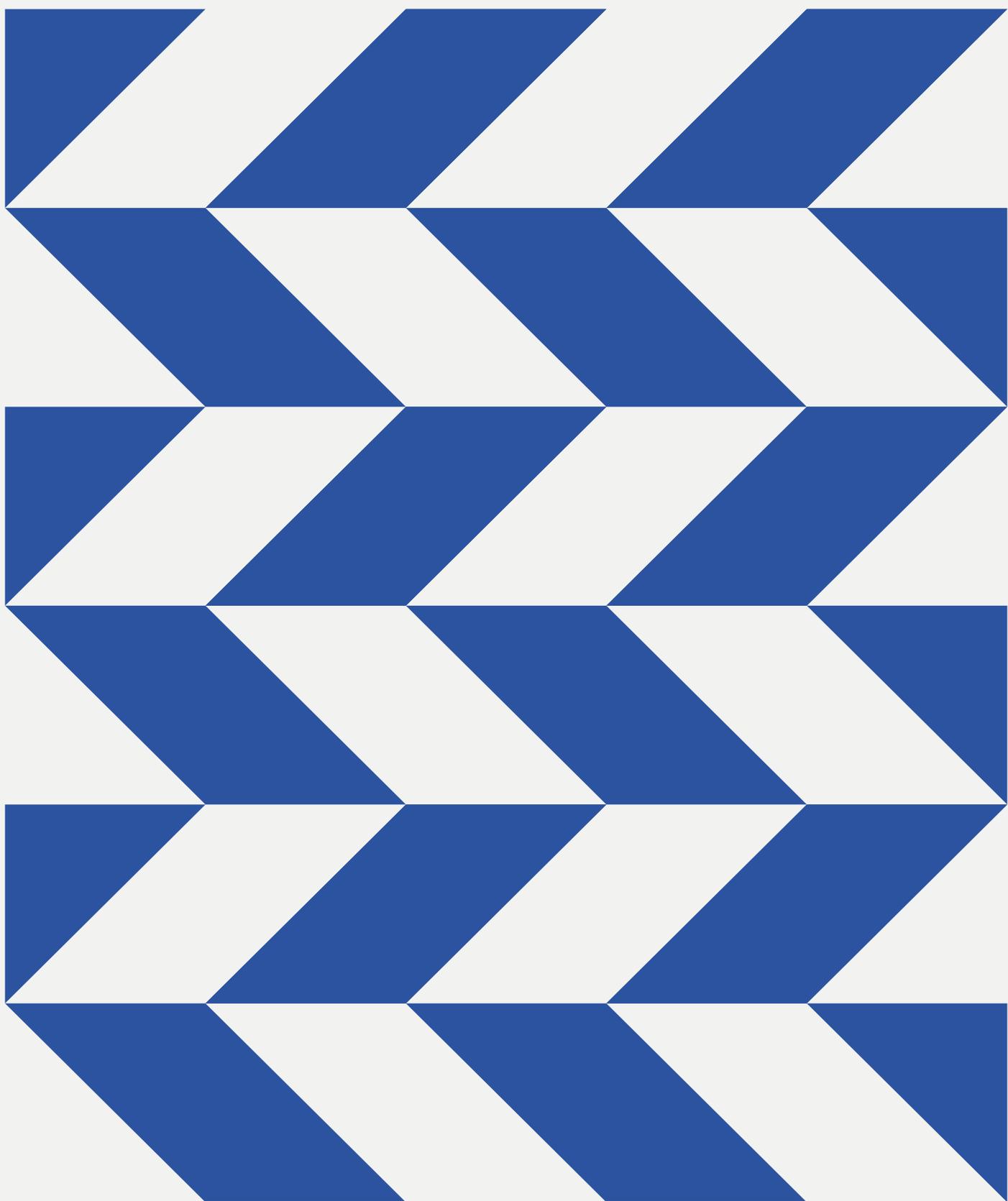


Bindi





B.

Revista Bindi: cultura, democracia e direito

Bindi Journal: Culture, Democracy and Law

Ano 2 · vol. 2 · janeiro-junho / 2023

DOI: 10.5281/zenodo.8356127

Conselho editorial

Dr. **Alfonso Ruiz Miguel** (Universidad Autónoma de Madrid - Madrid/Espanha); Dr. **Alfredo Attiê Jr** (Universidade de São Paulo - USP - São Paulo/SP); Dr. **Assis Brandão** (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE - Recife/PE); Dra. **Bethânia Assis** (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Porto Alegre/RS); Dr. **Celso Campilongo** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP - São Paulo/SP - Universidade de São Paulo - USP - São Paulo/SP); Dr. **Celso Lafer** (Universidade de São Paulo - USP - São Paulo/SP); Dra. **Daniela Mesquita Leutchuk de Cadermatori** (Universidade La Salle (Unilasalle - Canoas/RS)); Dr. **Diego Dantas** (Universidade Federal Fluminense - UFF - Niterói/RJ); Dra. **Elza Boiteux** (Universidade de São Paulo - USP - São Paulo/SP); Dra. **Flávia Piovesan** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP - São Paulo/SP); Dr. **Francesco Pallante** (Università degli studi di Torino - Itália); Dra. **Gisele Mascarelli Salgado** (Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo - FDSB - São Bernardo do Campo/SP); Dr. **Giuseppe Tosi** (Universidade Federal da Paraíba - UFPB - João Pessoa/PB); Dr. **José Alcebiades de Oliveira Júnior** (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS - Porto Alegre/RS); Dr. **José Antonio Magalhães** (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio - Rio de Janeiro/RJ); Dr. **José Dias** (Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Toledo/PR); Dr. **José Ricardo Cunha** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ - Rio de Janeiro/RJ); Dra. **Ludmila Franca-Lipke** (Universidade Livre de Berlin - Alemanha); Dr. **Marcelo de Azevedo Granato** (Instituto Norberto Bobbio - São Paulo/SP); Dr. **Marcio Renan Hamel** (Universidade de Passo Fundo - UPF - Passo Fundo/RS); Dr. **Massimo Cuono** (Università degli studi di Torino - Itália); Dr. **Michelangelo Bovero** (Università degli studi di Torino - Itália); Dra. **Monica Herman Salem Caggiano** (Universidade de São Paulo - USP - São Paulo/SP); Dra. **Nádia Urbinati** (Universidade de Columbia - EUA); Dr. **Philip Petit** (Universidade de Princeton - EUA); Dr. **Rafael Salatini de Almeida** (Universidade Estadual de São Paulo - UNESP - Marília/SP); Dr. **Roberto Bueno Pinto** (Universidade Federal de Uberlândia - UFU - Uberlândia/MG); Dr. **Samuel Antonio Merbach de Oliveira** (Universidade Paulista - UNIP - São Paulo/SP); Dr. **Sérgio Candido de Mello** (Universidade de São Paulo - USP - São Paulo/SP); Dra. **Silvia Pimentel** (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP - São Paulo/SP); Dr. **Tércio Sampaio Ferraz Júnior** (Universidade de São Paulo - USP - São Paulo/SP); Dra. **Valentina Pazè** (Università degli Studi di Torino - Itália); Dr. **Willis Santiago Guerra Filho** (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ - Rio de Janeiro/RJ).

Autores(as) (deste volume)

Benoit Frydman (Université Libre de Bruxelles - Bélgica); **César Mortari Barreira** (Instituto Norberto Bobbio - INB - São Paulo/SP); **Erik Chiconelli Gomes** (Universidade de São Paulo - USP - São Paulo/SP); **Frederico Lopes de Oliveira Diehl** (Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR - Campo Mourão/PR); **Isabella Coimbra Pires de Mello** (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUCMG - Belo Horizonte/MG); **Keven Enzo Feitosa Ramos** (Faculdade Católica de Anápolis - Anápolis/GO); **Lucas Fucci Amato Barros** (Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo/SP); **Nadia Urbinati** (European University Institute - Florença - Itália); **Norberto Bobbio** (Università degli Studi di Torino (In memoriam) - Itália); **Raíssa Moreira Lima Mendes Musarra** (Universidade de São Paulo - USP - São Paulo/SP); **Rômulo Monteiro Garzillo** (Universidade Nove de Julho - UNINOVE - São Paulo/SP); **Thiago Silveira Annunziato** (Instituto Norberto Bobbio - INB - São Paulo/SP)

Coordenação científica-editorial

Dr. Frederico Lopes de Oliveira Diehl; Dr. César Mortari Barreira; Dr. Marcelo de Azevedo Granato; Ms. Lévio Scattolini; Esp. Willians Meneses.

Equipe editorial

Coordenação Científica-Editorial

Editores-chefes: Dr. César Mortari Barreira e Prof. Dr. Frederico Lopes de Oliveira Diehl

Editores-assistentes: Dra. Raíssa Moreira Lima Mendes Musarra, Dr. Marcelo de Azevedo Granato, Ms. Lévio Scattolini e Esp. Willians Meneses

Capa e Diagramação: Igor Alves da Silva

Coordenação Editorial: Willians Meneses

Diretoria executiva

Presidente Celso de Souza Azzi

Vice-presidente Ary Oswaldo Mattos Filho

Conselheiro Raymundo Magliano Neto

Diretor Executivo César Mortari Barreira

Diretor Jurídico Marcelo Granato

Coord. Geral Lévio Scattolini Oscar Júnior

Secretário Guido Urizio

Colaborador Marcelo de Azevedo Granato

Pesquisas César Mortari Barreira, Júlia Albergaria, Lévio Scattolini Oscar Júnior e Raíssa M.L.M. Musarra

Designer Igor Alves da Silva

Coord. de Comunicação Thiago Silveira Annunziato

Gestora de Projetos e Pesquisadora Raíssa M. L. M. Musarra

Coord. Editorial Willians Meneses

Gerente Financeira Luana Silva

Gerente Administrativa Kelly Cristina

Estagiário Pesquisa Robson Gomes

Endereço para visitas

Avenida Ipiranga, 344, Edifício Itália,
Conjunto 22B República - São Paulo/SP

Endereço para correspondência

Avenida São Luiz, 50, Conjunto 22B República -
São Paulo/SP - CEP: 01046-926

Horário de funcionamento

Segunda-feira a sexta-feira, das 14h às 18h

Telefone: +55 (11) 3129-7076

E-mail: instituto@inb.org.br

Visite nosso site: www.inb.org.br

© edição e distribuição do INSTITUTO NORBERTO BOBBIO

A Revista Bindi está licenciada sob a Licença Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY 4.0).

As opiniões expressas nos artigos são de responsabilidade dos autores.

Revista Bindi: Cultura, Democracia e Direito

Crítica Cultural

Thiago Silveira
Annunziato



Jornalista e Gestor de
Comunicação do Instituto
Norberto Bobbio - INB

E-mail: thiago@inb.irg.br

DOI: [10.5281/zenodo.8356433](https://doi.org/10.5281/zenodo.8356433)

As mulheres da Távola Redonda

Las mujeres
de la Mesa
Redonda

Artigo

Resumo

Este texto é um pequeno trecho extraído do livro *Travessia: Cidade Não Identificada*, que explora as histórias e vivências de mulheres transgêneros na cidade de São Paulo. Todas recebem uma bolsa de estudos da Prefeitura Municipal do Estado de São Paulo, em programa conhecido como Projeto Reinserção Social Transcidadania. Tal projeto visa a finalização dos estudos em nível médio, como política de inserção no mercado de trabalho. Suas experiências perpassam por caminhos desconhecidos e, por vezes, obscuros. Um mundo subalterno que transita pelas drogas, pela prostituição e, principalmente, pelo preconceito estrutural de existirem em um corpo denominado como dissidente. O texto é construído em formato de Jornalismo Literário através de pesquisa de campo com técnica de entrevista em grupo focal.

Palavras-chave

Transcidadania; Jornalismo literário; Mulheres transgêneros; Prostituição.

Resumen

Este texto es un breve extracto del libro *Travessia: Cidade Não Identificada*, que explora las historias y experiencias de mujeres transexuales en la ciudad de São Paulo. Todas ellas reciben una beca del Ayuntamiento del Estado de São Paulo, en un programa conocido como Proyecto de Reinserción Social de la Transciudadanía. Este proyecto tiene como objetivo la finalización de los estudios secundarios, como política de inserción en el mercado laboral. Sus experiencias pasan por caminos desconocidos y, a veces, oscuros. Un mundo subalterno que pasa por las drogas, la prostitución y, principalmente, el prejuicio estructural de existir en un cuerpo denominado disidente. El texto se construye en el formato de Periodismo Literario a través de una investigación de campo con la técnica de entrevistas a grupos focales.

Keywords

Transciudadanía;
Periodismo literario;
Mujeres transexuales;
Prostitución.

Objetivo

Histórias e vivências de mulheres transgêneros na cidade de São Paulo inseridas no programa de estudos da Prefeitura Municipal do Estado de São Paulo, Projeto Reinscrição Social Transcidadania

Método

O método empregado para a elaboração foi baseado em jornalismo literário, com pesquisa de campo e técnica de entrevista com grupo focal.

Conclusões

As experiências relatadas expõem a continuidade de entraves à sociabilidade, educação formal e inserção no mercado de trabalho de pessoas trans e novas dinâmicas de reprodução material a partir da participação no programa Reinscrição Social Transcidadania.

Foi quando o sol abaixou que, em um dia tão monótono, as Mulheres da Távola Redonda alteraram, de súbito, o meu olhar.

Parara na estação Trianon-Masp, linha verde do metrô de São Paulo, para comer uma coxinha e tomar um chá gelado de hibisco. Tudo é questão de dosagem, entende? Sentei numa lanchonete e em meu fone de ouvido tocava “Baby”, na voz de Gal Costa. Só faltava a margarina e a Carolina para me acompanharem – o inglês, bem, “I love you, baby”. Mas tudo estava divino maravilhoso. A monotonia, às vezes, é uma dádiva. Não escutava os carros, vozes, buzinas e nem sentia adentrar minhas fossas nasais o odor mórbido de combustão da gasolina tropicana. Porém, avistara algumas morenas tropicanas caminhando naquela noite quente, despidas, amostras de suas peles macias de carne de caju. Estavam felizes, suponho, pelas noites com sol que demorara a chegar na capital. Como dizia Milton Nascimento, “todo artista tem de ir aonde o povo está”. Será o jornalista, então, um artista? Será, por isso, que uma força estranha me leva a andar?

Cadê a minha juventude TRANSviada? Esperam-me? Com ou sem pudor? Dessa vez, não são dois meninos no vagão e o mistério do prazer. São três moças que sabem muito bem como é queimar na fogueira da inquisição patriarcal. Todas são Pagu. Antônimo de moça direita. Aquela fama de porra louca, mas tudo bem.

R\$ 17,45

Caro, hein?

Com meu gato sem as botas e eu, sem grana, ando até o colégio Rodrigues Alves, seguindo pelos edifícios endeusados da Avenida Paulista. O portão central estava fechado e, nele, uma grande placa branca com letras pretas chamando a juventude TRANSviada para as matrículas escolares. À direita, contornando o prédio velho e, dessa vez, majestoso da instituição de ensino, bato à porta e pego meu celular. Uma professora de história, com um belo molho de chaves nas mãos, abre o portão. Loira, com alguns fios brancos que passam ares de uma vida vivida, colete preto, tênis chique amarelo e colar grande de pedras, diz: “Oi, filho, entra.”

É a minha mãe.

Professora de história há mais de 30 anos, leciona no Rodrigues Alves há 10. Conhecem a série catalã Merlí? Pois bem, é ela. Só que mulher, filha de nordestina e latino-americana. Entro, ainda monótono, ao seu lado, enquanto subimos os degraus até passarmos pelo

portal interno que liga o prédio antigo à garagem. Estava de volta ao França *fin de siècle* – somente pela arquitetura.

Pergunto-a em que lugar poderei conversar com as meninas, que no momento, estavam em aula. Minha mãe, antes de mais nada, apresenta o seu pequeno ‘pupilo’ aos companheiros de profissão. Estávamos fazendo a refestança por completo. Vários abraços e palavras de “já ouvi muito sobre você”. Realmente, minha fama não é de Nova York, não. É de Madureira.

— Ele pode ficar na sala de HTPC¹? Vai conversar com algumas alunas. É para um trabalho da faculdade muito importante — pergunta ao diretor pedagógico, que logo lhe entrega as chaves.

— Não vai perder isso, hein? — Em tom bravo, mas que nada de bravo tem. É só a simples maneira de quem esteve e está presente nas salas de aula há tempos.

— Quem virá?

— Três meninas.

Por motivos de privacidade, não apresentarei seus nomes. Só usarei o nome ‘fetiche’. Porém, tive a permissão de somente uma menina, Agatha, que no mais tardar, apresento-lhes.

Entro na sala e vejo 4 mesas redondas, de madeira maciça, quase voluptuosas. A vista da janela lateral dá para a avenida, com suas luzes, carros e asfalto. Me acomodo, bem tranquilo. Não estava com nada anotado, nenhum papel ou algum roteiro básico de entrevista, apenas e, simplesmente, com meu gravador.

Assim sendo, espero, paciente, a chegada das Mulheres da Távola Redonda.

1. Conhecido como Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), é uma reunião feita semanalmente pelos professores para discussão, planejamento, soluções e análises de propostas pedagógicas, com intuito de atender as necessidades educacionais dos estudantes. Disponível em: <<https://www.educacao.sp.gov.br/httpc-trabalho-pedagogico/>>

À Távola

Na mesa: Gracinha, Renata e Agatha.

— Pode falar, Gracinha.

Gracinha: Para mim, o Transcidadania me ajudou, sim. Com ele, eu deixei de ir para rua me prostituir, e consegui conciliar com os cursos que o programa oferece. Então, eu estou super feliz de estar aqui, estudando.

— Você decidiu voltar a estudar quando?

Gracinha: Decidi agora, praticamente. Por que, há 1 ano e 5 meses entrei no Transcidadania e em dezembro deste ano vence o meu contrato com o programa. Então, minha vida mudou bastante. Do nada, tudo aconteceu comigo. Parei na 8ª série e voltei a estudar agora.

— No ano de 2020, onde você estava?

Gracinha: Estava tentando me encontrar. Ainda me prostituía, mas fiquei em casa, pelo menos, uns 3 meses.

— Você chegou a receber o Auxílio Emergencial?

Gracinha: Não! Só mesmo o Transcidadania e, claro, o dinheiro que eu tirava na rua.

— Então, ainda em 2020, mesmo com a bolsa do programa, você possuía essa dupla jornada?

Gracinha: Isso! Ainda estava vivendo essa dupla jornada até me encontrar, pegar o foco e o ritmo.

— Você sentia que com o valor da bolsa dava para viver em São Paulo?

Gracinha: É... Não. Tinha noite que a gente ganhava bem mais que o benefício do programa.

— No segundo semestre de 2020, você já estava tomando outros rumos?

Gracinha: Já! Aí, sabe, passei boa parte da vida me prostituindo, ganhando dinheiro desses caras e tendo que me submeter a diversas coisas. E era um dinheiro que eu não via.

Não era abençoado para mim.

— Gracinha, em 2020, como você se sentia quando o bolso apertava, o vírus estava à solta, e você tinha que complementar a sua renda de alguma forma. Como era estar nesse lugar?

Gracinha: Aí, eu tinha medo, total, total, total... Ter que sair com esses caras, sabe. Mas, mesmo com o vírus, eu me prostituía como uma necessidade, mesmo.

— O programa Transcidadania possui alguma forma de ajuda psicológica? Você chegou a acionar durante a pandemia?

Gracinha: Era videochamada com algumas psicólogas...

Agatha: Eu peguei o Transcidadania agora. Entrei no mês passado, então não tive nenhuma ajuda psicológica ainda.

— Eram consultas de 1 hora, aproximadamente?

Renata: Praticamente isso, na live. Geralmente, as psicólogas faziam uma live com dinâmicas, para nós expormos o nosso ponto de vista sobre a vida, os problemas. E, nesses pequenos recortes e falas, as psicólogas vão estudando a gente. Mas, por exemplo, se nós tivermos algum problema, podemos chamá-las diretamente para uma consulta.

— Houve algo que vocês precisaram de urgência?

Renata: Acho que não tive necessidade desse apoio emocional tão urgente. Porém, sempre estava em contato com os advogados do programa, que realizam a retificação dos nossos nomes. Eu estou fazendo a minha mudança agora!

— Como é olhar a sua identidade e enxergar outro nome?

Renata: Olha, nunca me incomodei com isso. Digo, ter o meu nome e ser quem sou. Por que, para mim, papel é papel, e eu sou eu. Então, o que está no papel não equivale ao que eu sou. Porém, em termos burocráticos, é muito mais fácil quando se tem o nome alterado. Porque você chega em um cartório, ou banco, com o nome de Guilherme, e te olham com estranheza, porque você é uma mulher trans.

— As demais já possuem o nome alterado?

Gracinha: Eu, Gracinha, já tenho meu nome alterado há 5 anos. Consegui fazer na minha

cidade natal, Santa Inês, no Maranhão. Na época, estava com um bom dinheiro, paguei para ir mais rápido e aproveitei para acabar logo com esse constrangimento.

Agatha: Eu só consegui colocar o meu nome social no RG. De resto, ainda é muita burocracia.

Gracinha: Mas, assim, mesmo mudando de nome, cheguei a ter problemas. Há um tempo, estava andando na rua com uma pessoa, e de repente, a viatura nos abordou. Aí falei: “Nossa, esse cara tá pesado, uma hora dessas”.

— Era de noite?

Gracinha: Sim, de madrugada. Aí os policiais me abordaram, mas focaram mais no meu amigo, que estava meio estranho. Enfim, o policial me puxou e perguntou se eu tinha o nome sujo ou passagem na delegacia. Disse que “Graças a Deus, não”. Aliás, tive um processo na Justiça, mas foi arquivado.

— Você poderia falar sobre esse processo?

Gracinha: Trabalhando na rua, peguei um polícia lá que era homofóbico, e ele azedou com a minha cara, então, em qualquer lugar que ele me via, me botava para correr, me agredia, me espancava. Uma vez, ele me levou na viatura à força, tirou minha roupa toda, colocou uma quantidade de maconha na minha bolsa, e isso, durante toda a madrugada. Depois de tanta pressão psicológica, falei que a maconha era minha. Tive, depois, que passar pelo juiz, e fui condenada a dar, digamos, uma bolsa, para uma instituição de caridade durante 6 meses.

— Gracinha, desculpe lhe interromper, mas queria falar algo para todas vocês. Meu desejo, aqui, é contar as histórias e vivências de todas nessa cidade. Gostaria de assegurá-las para se sentirem bem à vontade com o que quiserem falar, não ultrapassando os seus limites internos. E, por último, queria saber se posso usar o nome real de vocês, ou se preferem um nome fictício?

Gracinha: Você pode usar o nome ‘fetiche’, né!

Agatha: Fictício, garota!

Renata: Fictício!

Todos gargalhamos. Agora, só trabalhamos com o nome fetiche, e nada mais.

Agatha: O meu pode usar, sem problema algum.

— Perfeito! Adelante com o fetiche! Meninas, como vocês se sentem ao andarem pelas ruas da cidade durante o dia? É uma sensação de pertencimento ou exclusão?

Agatha: Então, eu nasci em São Vicente, mas fui criada no Guarujá. Vim para São Paulo há 7 anos. Mas, assim, no litoral eu até andava pela rua, mas detestava. As pessoas olhavam demais, ficavam encarando e, aqui em São Paulo, não sinto mais isso. Consigo andar tranquilamente pelas ruas. Recentemente, fui para Mongaguá, e quando desci do ônibus, as pessoas me comeram com os olhos. Nessa cidade do litoral, você não vê nenhuma trans ou travesti andando pela rua. Não têm! Agora, desde que cheguei aqui, me senti acolhida. São Paulo é mãe. E outra, o Transcidadania deveria ter em outros estados também, sabe?

Renata: Mas tem no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, viu?

Agatha: É mesmo? Porque eu sempre mando mensagem para as minhas amigas de Minas Gerais, e elas não fazem a mínima ideia desse programa.

Gracinha: Era para ter em todos os estados!

Renata: Elas conhecem através de nós, que explicamos e contamos o que está acontecendo em São Paulo.

— Vocês levam informações para suas amigas de outras cidades?

Agatha: Claro! E elas querem participar, só que onde moram, não oferecem o programa!

— E o medo das organizações da sociedade civil, quando o então prefeito, Fernando Haddad, perdeu a reeleição, foi que este programa acabasse nas mãos de João Doria.

Gracinha: Nossa, sim! Mas disseram que vão estender o programa por mais dois anos.

Agatha e Renata: Assim esperamos, né, meninas!?

Gracinha: Como seria válido, também, a criação de um segmento para todas as trans que querem fazer faculdade. E, às vezes, falta um apoio para que nós cheguemos nessa faculdade. Mas, como são só dois anos de Transcidadania, mesmo os professores nos ensinando muito e dando duro, nem sempre conseguimos passar nos vestibulares.

Renata: Por isso que a extensão da quantidade de anos do programa seria boa para nós, que queremos fazer uma faculdade, termos uma preparação igual àqueles que se formam em colégios tradicionais, sabe?

— Vocês acham que existe muita evasão de meninas trans do programa?

Renata: Claro! E isso acontece pela não adequação da volta aos estudos, de uma vida mais comum, bem diferente das ruas.

Agatha: Inclusive, existem regras e limites de faltas no Transcidadania. E várias meninas faltam porque, muitas vezes, pinta um programa que paga mais que o auxílio.

— Vocês já tiveram vontade de sair do programa?

Gracinha: Não, nunca tive!

Agatha: Quando não estou na escola, sinto falta. Acho que aqui é um momento em que esqueço um pouco dos meus problemas e começo a pensar mais no meu futuro.

Renata: O colégio é o lugar onde nós todas nos sentimos inclusas na sociedade. Nos sentimos cidadãs – independentemente de sermos trans. Por que aqui na escola, nós dividimos as classes com pessoas mais velhas, estrangeiros, etc. Então, estamos inseridas.

— O colégio, então, seria o ponto de partida?

Renata: Sim! Por isso, também, que temos esse esquecimento dos problemas quando pisamos aqui. E tudo que está fora do colégio, que nos faz sentir apagadas, simplesmente some quando entramos aqui.

— Agatha, achei interessante seu comentário sobre a falta que sente da escola quando não está presente. Quando vocês eram mais jovens, sentiam a mesma coisa quando estavam no colégio? Uma certa nostalgia?

Agatha: Lembro que, quando comecei a ser trans, ainda estudava, só que eu era a única trans na escola. E o pessoal... Não sei, ficava isolada sempre. Por esse motivo, fui me afastando dos estudos.

Renata: Nem existia direito ao nome trans na época, penso eu.

Gracinha: É! Na minha cidade, trans era “qualira”².

O termo, comentado por Gracinha, possui suas origens no Maranhão, que significa “homem homossexual passivo”. Comumente atribuído a corpos efeminados. Nos estudos sobre vivências queer, a história da palavra começa no carnaval de São Luís, capital do Maranhão. Dizem que em um desses blocos, havia um rapaz efeminado que se destacava

por tocar lira (instrumento de cordas dedilháveis ou tocadas com plectro, de larga difusão na antiguidade). Sempre que o rapaz aparecia as pessoas gritavam: “Lá vem ele com a lira” e nisso foi diminuindo a frase “com a lira” até chegar a “qualira”.

Gracinha: Sofri muito bullying na escola... Mas não era uma nostalgia boa, era traumática. E eu ia à briga, na mão mesmo para me defender dos outros.

— Agatha, você não tinha nenhuma amiga preta, ou mesmo branca que pudesse lhe ajudar?

Agatha: Nenhuma, não tinha ninguém. E como a minha escola ficava na periferia do Guarujá, era muito mais menino do que menina. Só os moleques mesmos, e as gays encubadas.

— O que seriam as “gays encubadas”?

Gracinha: As que estavam no armário e, inclusive, eram as mais homofóbicas. Falavam: “Olha ali, aquele é viado, bichinha”.

Agatha: Com tudo isso que aconteceu, e também com o que as outras meninas contam, decidi abandonar o colégio e fui para rua. Pensei: “Já que não estudarei, vou arranjar um emprego”.

— E como foi esse encontro com as ruas?

Agatha: Aí... Aconteceu várias coisas que não eram legais. O primeiro foi meu movimento com as drogas, segundo foram pessoas homofóbicas pararem, descerem do carro e darem pauladas em mim e nas outras bichas. A última foi quando levei 14 facadas na rua.

— Oi?

Agatha: Sim. Tinha 18 anos quando isso aconteceu... Foi com essa idade que comecei a me prostituir.

— Isso aconteceu onde? Como...?

Agatha: No Guarujá, na Avenida Ademar de Barros. E, assim, logo com

2. Silva, Jackson Ronie Sá da. Revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva Queer: Tese de Mestrado: Unisinos, 2012.

19 anos, decidi parar de fazer rua. Meu pai faleceu, e aí a minha vida começou a ficar horrível. Veio a depressão, a falta de emprego e o medo de voltar a estudar. Porque, sabe, a gente já viu de tudo nessa vida: andando na rua é paulada, água, pedra, extintor de incêndio na cara, tudo!

— Meninas, uma dúvida me surgiu enquanto vocês falavam. Em relação com os aplicativos de encontros, vocês usam?

Agatha: Nunca usei!

Gracinha: Já cheguei a usar, sim! Mas eu acessava mais os sites de acompanhantes de luxo. Pagava uma quantia para o site, e trabalhei por um bom tempo como acompanhante. Mas aí, fui perdendo clientes e tal... Acabei voltando para as ruas.

Renata: Hoje está tudo institucionalizado, digo, tudo pende para o lado da festa, da bebida e da droga. Então, tudo está banalizado, as pessoas acabam sendo perversas conosco!

— Antes de vocês descobrirem o Transcidadania, como estava a vida de vocês?

Agatha: Sentia que não tinha saída para mim.

Renata: A gente, basicamente, não enxerga nenhum horizonte, porque quando você é trans, literalmente quase não existe futuro. Mesmo que tentemos conseguir um emprego em salões de beleza, manicure, costura, etc. Trabalhos mais direcionados para mulheres e gays, os patrões, ou patroas, sempre vão escolher os outros em vez de nós. Ou seja, a gente já é previamente excluída e colocada na prostituição.

Agatha e Gracinha balançam a cabeça, como quem conhece na pele esse discurso, essa realidade.

Gracinha: Sempre vão olhar com os olhos da prostituição para nós! Independente se formos advogadas, empresárias... O que quer que seja! Somos marcadas pela prostituição.

— O que vocês acham que os homens, ou mesmo qualquer pessoa, pensam sobre vocês?

Gracinha: Que somos objetos de prazer e nada mais!

Renato: Que somos subservientes, um mero pedaço de carne.

Agatha: Quando vou ao parque (Trianon), os bofes olham para mim e começam a fazer encenações, caras e bocas, etc. Eles acham que nós somos obrigadas a transar com eles

em qualquer hora e lugar! Não é assim! Não somos um objeto de prazer!

Gracinha: Acho que isso é o mais triste...

Renata: É chocante.

Gracinha: Pô! A gente também é de carne e osso! Têm sangue que corre pelas nossas veias.

Agatha: Nós temos sentimentos, sonhos, queremos um emprego bom, um salário digno!

Mudo de assunto. Decido abordar a mesma série de televisão na qual comentei com Silvana.

— Meninas, vocês já assistiram à série Pose, da Netflix?

Sem nenhuma sombra de dúvida, todas assistiram. Começo perguntando sobre a icônica Elektra, que realizara a cirurgia de redesignação sexual e perdera o “parceiro”, se assim posso dizer. De qualquer modo, vocês já conhecem essa história. Não? Voltem algumas páginas.

Gracinha: A Elektra é minha amiga.

Ela diz, rindo.

— Qual a percepção de vocês quando o cara não a deseja mais? Por que isso acontece?

Renata: Acho que ele gostava dela, como ela era. Sem tirar nem pôr. Mas, também, caía naquilo de que ela era um simples brinquedo para ele.

Gracinha: O brinquedinho.

Complementa, em tom irônico.

Renata: Então, o pensamento é: se você deixar de ser assim (de ter um pênis), seu corpo não me serve mais.

Gracinha: E você vê na série que ela paga o preço por fazer aquilo que ela se sentiria bem.

Meu tempo está se esgotando e estou matando a aula de geografia das meninas. Que lástima.

— Queria saber de vocês se com a bolsa que recebem do Transcidadania, é possível viver tranquilamente durante o mês?

Todas dizem ser impossível.

Renata: O dinheiro do Transcidadania só dá para o aluguel.

Gracinha: Só aluguel mesmo... E assim, não dá nem para comprar as misturas.

Todas dão risada. A mistura deve ser a alimentação. Creio eu.

Renata: A gente ganha uma cesta-básica também, mas é mínima!

— Nesse tempo, em que vocês receberam o auxílio da bolsa, vocês se prostituíram para complementar a renda?

Gracinha: Sim, com certeza!

Renata: É claro! Porque assim, é uma ajuda, mas nós também queremos comprar coisas que nós gostamos, como maquiagem, hidratantes, etc.

Agatha: E eu que tenho dois cachorros e tenho que comprar comida sempre para eles.

Gracinha: Moro sozinha e, sabe... Precisa de um complemento, sim.

Ela diz, passando a mão entre seus cabelos e a orelha. Seus olhos verdes esbanjam malícia.

— E vocês sentem que a prostituição é a alternativa mais rápida?

Renata: Não é que seja, mas, digamos que, é um condicionamento, porque sabemos que a prostituição é um escape, um caminho aberto. Então, eu sei que preciso acabar os estudos para conseguir trilhar outro caminho na vida, mas, enquanto isso, eu preciso da prostituição para complementar a renda e sobreviver.

— E você, Gracinha?

Gracinha: Estou no caminho certo, pois aprendi a me ver com mais afeto. E, também, comecei a fazer um estágio no Descomplica, pelo Transcidadania. Ficarei lá até ser efetivada. Sou capaz!

Gracinha me mostra o seu crachá – que já deve fazer parte do seu visual diário

– com alegria e muita animação.

— Agatha?

Agatha: Então, como disse, voltei a estudar há 5 meses, mas só agora recebi a primeira parcela do Transcidadania. Contudo, mesmo antes de receber, já vinha fazendo cursos com o pessoal do projeto: um de Cidadania e Direitos Humanos, e outro é um preparativo para o vestibular. Mas, ainda, me encontro em dificuldades, pois não consegui achar um quarto que aceite cachorros e, por isso, estou morando em um barraco, do lado do parque Trianon.

— Nestes 5 meses sem receber, você teve de recorrer à prostituição?

Agatha: Não, pois eu sempre vendo bala na Paulista. Além disso, sou casada, então, se não fosse pelo meu companheiro, tenho certeza que estaria de volta às ruas.

— E vocês têm amigas que ainda permanecem no ciclo: estudos e prostituição?

Gracinha: Sim, várias inclusive, recebem o auxílio, mas tão dando as caras na rua.

Agatha: Tem uma que entrou no programa comigo e, depois de 2 meses, saiu. Foi para Itália com um bofe. Essa pegou o primeiro pagamento e vazou do Brasil.

Renata: Elas recebem o primeiro pagamento só para comprar a passagem!

Gracinha: Outras, aproveitam a grana para fazer plástica e viajar, não com o mesmo foco e visão que a gente tem.

— Nesses últimos dois anos, qual foi a pior situação que vocês passaram?

Gracinha: Aí, a minha pior situação foi com um gerente de um banco. Ele me negou atendimento e fui discriminada pelo fato de ser trans e deficiente. Isso aqui ó, no meu braço, não é de nascença, foi na rua me prostituindo.

— O que aconteceu, Gracinha?

Gracinha: Aconteceu que, simplesmente do nada, apareceu dois caras que desceram do carro, querendo roubar a minha bolsa. Eles estavam com uma arma. Falei que nada tinha, eles insistiram e eu reagi. Dei dois passos para trás e o homem mandou bala em mim. Só não foi no meu rosto, porque coloquei o braço na frente. Isso tudo aconteceu em 2017.

Renata: A minha maior preocupação, nos últimos anos, foi pensar em como me manter com a pandemia, porque foi muito difícil. Quando você está em família, isolado, é mais fácil, mas eu estava sozinha.

Agatha: Para mim, o estopim de tudo aconteceu em março de 2020. Estava no Guarujá, com um quartinho alugado, e estava trabalhando em um salão. Quando começou a pandemia, o lugar fechou e eu fiquei desempregada. No dia que oficializaram o isolamento social, eu estava bebendo com algumas amigas, dizendo precisar de dinheiro. Perto de nós, uns caras estavam rindo da gente. Fui lá para pedir respeito e, no meio daquela angústia e raiva, peguei uma faca na mesa e enfiei nas costas do desgraçado. Logo, me prenderam. Fiquei 1 ano presa, e só fui solta quase no meio de 2021. Mas, hoje, me encontro naquela dificuldade que lhe disse.

— Você leva consigo alguma arma de proteção quando está na rua?

Agatha: Sempre que eu, e todas as garotas que fazem rua saem, todas nós levamos camisinha e uma arma de proteção pessoal. Sempre!

Gracinha: Nós não sabemos para onde vão nos levar quando entramos em um carro. O cara pode fazer qualquer coisa, então estamos completamente vulneráveis.

— Agatha, você chegou a ter uma audiência?

Agatha: Sim, e o pior foi que o cara nem me reconheceu, porque no dia estava completamente bêbado. Mesmo assim, fui presa.

— Engraçado que não entenderam sua reação como legítima defesa.

Agatha: Não... E mesmo que muitos amigos meus, que estavam presentes, foram depor, não adiantou em nada. Poxa, eu só me defendi, estava pedindo respeito!

— Agatha, desculpe retomar o assunto, mas você poderia me dizer como aconteceu o episódio das 14 facadas?

Agatha: Estava na Avenida Ademar de Barros me prostituindo, como disse. Só que, o lugar onde a gente fazia com os bofes, era um pouco longe, em um estádio abandonado. Aí o cara estava de bicicleta e disse: “vai, vai, vai que vou subindo junto”. Fui, tinha uma subida imensa. E eu já havia explicado o preço para ele. Quando chegamos lá, o cara disse que só tinha R\$ 10,00. Peguei o dinheiro da mão dele e disse que isso foi só por ele ter

me feito andar até aqui. Enfim, voltei para a avenida, e de repente, o cara volta em um carro, desce com um facão e bate nas minhas costas dizendo: “E o meu dinheiro?”. Aí foi que começou.

— Você reagiu, então?

Agatha: Reagi babado! Só depois de um tempo consegui tirar o facão da mão dele, mas já estava toda ensanguentada. E, naquela época, tinha uma trans que queria que nós pagássemos rua para ela. Era o terror.

— O que seria pagar rua?

Agatha: É uma cafetina, ou seja, você tinha que pagar uma espécie de pedágio para poder se prostituir em certo lugar.

— Você foi socorrida após levar as facadas?

Agatha: Então, lá perto tinha o bar do João, que só colava as mona mesmo. E as bichas super preocupadas, chamaram uma ambulância e me levaram para UBS mais próxima. Levei vários e vários pontos. Foi péssimo. Depois disso, pensei: nunca mais volto para a rua.

— Após todos esses incidentes, hoje, você consegue imaginar um futuro melhor?

Agatha: Claro! Mesmo passando dificuldades, quero alugar um cantinho melhor para os meus cachorros, um espaço tranquilo com bastante planta! Também quero fazer faculdade de medicina, e trabalhar na área de radiologia. Enfim, quero crescer na vida, porque eu já sofri demais, e esse tempo de sofrer já deu.

No de repente e, não mais que de repente, da intensidade fez-se a desconfiança, um suspiro de olhares direcionados à porta da sala de HTPC que abria bem devagar. Era minha mãe, curiosa e, talvez, aflita, pois as meninas estavam perdendo aula. De repente, fez-se o desânimo, a vontade de ficar mais um pouco e perder aquela aula de geografia. Hora de partir. No entanto, ao verem minha mãe entrando com um sorriso no rosto, fez-se festa. Era um Ana Paula para cá, outra para lá e acolá.

Gracinha: Aí, professora, que babado que ele é seu filho!

Começo a me despedir, uma de cada vez. Porém, algo em mim, havia se ligado como fio e linha nas roupas de Agatha. Queria mais, saber mais, ouvir mais, conversar mais! Queria.

— Agatha, querida, o que você acha de tomarmos um café ou, qualquer outra coisa, aqui na Paulista? Se estiver com algum curso ou ocupada, podemos conversar aqui no colégio. O que me diz?

Agatha: Claro, meu amor! Vamos na sexta-feira, aqui no colégio mesmo? Pode ser? Como é final de semestre, já passei em algumas matérias e fico com o tempo livre!

— Perfeito! Sexta-feira, então!

Nos abraçamos e acabo pegando seu número de celular. Agatha, que estava de calça jeans bem colada ao corpo e regata preta, volta saltitando pelos corredores do fim de siècle. Minha mãe já terminara suas aulas do dia. Trancamos a sala e saímos do colégio em direção a nossa casa. Nas travessias da avenida Paulista até o metrô Brigadeiro, ela me pergunta: “Como foi, conta!”

— Mãe. Só foi — Com a potência de uma imersão total de uma cidade não identificada.

Referências

ANNUNZIATO, Thiago. Travessia Cidade Não Identificada. 2022, (mimeo).

BELCHIOR. Ter Ou Não Ter. Rio de Janeiro: Phonogram Ltda: 1978. [Compositores]: Antonio Belchior. Duração: 4:59 min.

GAL COSTA. Divino Maravilhoso. Rio de Janeiro: Uns Produções Artísticas Ltda, Gege Edições Musicais Ltda: 1969. [Compositores]: Caetano Emmanuel Viana Teles Veloso / Gilberto Passos Gil Moreira. Duração: 4:21 min.

GAL COSTA. Baby. Rio de Janeiro: Uns Produções Artísticas Ltda, Gege Edições Musicais Ltda: 1972. [Compositores]: Caetano Emmanuel Viana Teles Veloso. Duração: 3:33 min.

GAL COSTA. Sexo e Luz. Rio de Janeiro: Gege Edições Musicais Ltda: 2005. [Compositores]: Kanza Lokua / Carlos Renno. Duração: 4:14 min.

LUIZ MELODIA. Juventude Transviada. Rio de Janeiro: Warner/Chappell Edições Musicais Ltda: 1975. [Compositores]: Luiz Carlos Dos Santos. Duração: 4:02 min.

RITA LEE, ZÉLIA DUNCAN. Pagu. São Paulo: Warner Chappell Music, Inc: 2000.

[Compositores]: Rita Lee Jones Carvalho / Zelia Cristina Gonçalves Moreira. Duração: 3:55 min.

RITA LEE. Eu E Meu Gato. São Paulo. Warner/Chappell Edições Musicais Ltda: 1978. [Compositores]: Rita Carvalho / Rita Lee Jones. Duração: 4:26 min.

SÃO PAULO, Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura de. Projeto Reinserção Social Transcidadania. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/lgbti/programas_e_projetos/>

SÃO PAULO, Secretaria da Educação do Estado de. Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC). Acesso em 22 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://www.educacao.sp.gov.br/httpc-trabalho-pedagogico/>>

SILVA, Jackson Ronie Sá da. Revisitando livros de medicina, psicologia e educação a partir da perspectiva Queer: Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Sinos: Unisinos, 2012.

